

AS “BALAS DE ESTALO” DE MACHADO DE ASSIS

Daniela Mantarro Callipo*

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar os textos jornalísticos publicados por Machado de Assis entre 1883 e 1886 na coluna “Balas de Estalo” do jornal carioca *Gazeta de Notícias*. Foram 125 crônicas assinadas com o pseudônimo de Lélío, que trataram de temas importantes como a Abolição, a República, e também do cotidiano do Rio de Janeiro do século XIX. Essas crônicas, mistura de realidade e ficção, revelam mais uma faceta da genialidade de Machado de Assis.

Palavras-chave: Crônicas de Machado de Assis; literatura; história.

■ **E**ntre 1883 e 1886, Machado de Assis publicou, sob o pseudônimo de Lélío, 125 crônicas na seção “Balas de Estalo” do jornal carioca *Gazeta de Notícias*. Esses textos, divertidos e sagazes, revelam não apenas seu talento criador, mas também um período conturbado da história brasileira.

A coluna “Balas de Estalo” teve início em 3 de abril de 1883 e contou com quase uma dezena de colaboradores, que assinavam seus textos com pseudônimos: “Lulu Sênior” era Ferreira de Araújo, médico que trocara a ciência pelo jornalismo e tornara-se proprietário da *Gazeta de Notícias*; “José do Egito” era o escritor Valentim Magalhães, grande amigo de Machado; “Zig-Zag” era Henrique Chaves; “Blick” era Capistrano de Abreu; mas havia muitos outros cuja identificação tornou-se, com o tempo, impossível. A última crônica de “Lélío” data de 22 de março de 1886, mas a coluna continuou até o início de 1887. Nesses anos, partiram alguns colaboradores, chegaram outros, mas o espírito crítico, a galho-

* Professora de Língua e Literatura Francesa do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (FCL-Unesp), campus de Assis (SP), e doutora em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de São Paulo (USP).

fa e o comentário irônico eram características comuns a todos eles, sobressaindo, naturalmente, o talento de Machado de Assis, talento esse que transformou um relato superficial e divertido dos principais fatos da semana em um texto literário cuja força atravessou os séculos.

Os colaboradores das “Balas de Estalo” deveriam comentar os acontecimentos mais relevantes, fatos, aliás, que os leitores já conheciam por meio de sua publicação nos jornais. Os “confeiteiros” da *Gazeta de Notícias* tinham a missão de discuti-los, inserindo a reflexão ferina, a análise bem-humorada ou chistosa. E não faltava assunto para os cronistas: o início da década de 1880 já prenunciava grandes mudanças, decisivas para a história do Brasil, como o fim da escravidão e da Monarquia.

Machado de Assis adotou o pseudônimo “Lélio”, respeitando uma norma seguida por todos os outros colaboradores. Para R. Magalhães Jr. (in ASSIS, [198-], p. 13), o nome foi retirado de uma personagem da peça *L'étourdi*, de Molière, escrita entre 1653 e 1655: filho de Pandolfo, Lélie é apaixonado pela bela escrava Cêlie. Estouvado, impulsivo e atrapalhado, ele estraga os dez planos preparados por seu valete Mascarille para ajudá-lo em sua conquista. É preciso considerar, entretanto, a existência de uma personagem da *commedia dell'arte*, cujo nome é Lélio. Presente no teatro italiano escrito entre os séculos XVI e XVII, o aventureiro romanesco surgirá em 1620 em *Lelio bandito*, de Andreini, e será retomado em 1750 por Goldoni em uma peça cujo título em francês é *Le menteur*. Na França, Lélio será personagem de duas peças de Marivaux: *La surprise de l'amour*, de 1722, e *Le prince travesti*, de 1724.

Seria, portanto, arriscado afirmar que Machado de Assis se inspirou somente em *L'étourdi*, de Molière: ele pode ter escolhido o nome de uma figura tradicionalmente conhecida pelas trapalhadas e pelo coração generoso, um “*jeune désoeuvré capable de tout et, pourtant, l'un des plus sympathiques personnages de comédie*” (LAFFONT-BOMPIANI, 1960, p. 561).

Escolhido o pseudônimo, Machado de Assis não hesitou em adaptá-lo, imprimindo-lhe certa “cor local”: a personagem universalmente conhecida ganha, então, um sobrenome brasileiro e o colaborador das “Balas de Estalo” passa a se chamar “Lélio dos Anzóis Carapuça”, conforme se verifica em crônica de 17 de janeiro de 1885, em que ele escreve seu testamento: “Eu, Lélio dos Anzóis Carapuça, estando em meu perfeito juízo, determinei escrever este testamento, para o fim de deixar expressas as minhas últimas vontades, que espero sejam cumpridas, como se presente fosse” (ASSIS, [198-], p. 103).

Para escrever as “Balas de Estalo”, o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* criou um narrador com nome, sobrenome, idade, família, hábitos reveladores de sua posição social, leituras preferidas, opiniões políticas e religiosas. Quase um narrador-personagem, como Brás Cubas.

Lélio afirma ter menos de quarenta anos. Em 15 de agosto de 1884, responde a Lulu Sênior que não era “velho”, como insinuava o colega:

Este cavalheiro tem vivido a difamar-me, atribuindo-me uma idade que não tenho, chamando-me velho e outras coisas correlativas. Ao mesmo tempo, pretende não passar de 35 anos. Tem mesmo alguns sujeitos assalariados para espalharem essa mentira cronológica. Felizmente, há ainda eleitores em Berlim

e os votos dados ao meu amigo são a prova cabal, eleitoral e política de que os 40 lá vão, e que ele é, enfim, mais velho do que eu. Que me negue agora, se é capaz (ASSIS, [198-], p. 57).

E em 14 de setembro de 1885, confirma: “Vou fazer quarenta anos (apesar da aritmética de Lulu Sênior)” (ASSIS, [198-], p. 135).

Nas suas “Balas de Estalo”, Lúlio afirma não ter casa, carros ou bens. Em crônica de 17 de janeiro de 1885 (ASSIS, [198-], p. 103-105), faz seu testamento, afirmando não legar nada a ninguém, por não possuir “coisa nenhuma”. Mas apresenta alguns membros de sua família, como o irmão, pai de “Sousa Barradas”, sobrinho a quem deixa sua “benção” e aconselha a abrir uma “escola de meninos”, caso seu mandato como deputado se encerre. Em outros textos, cita um avô, o primo Matias, dono de uma loja de incensos, comenta a visita de umas primas pobres de Itaboraí, que sempre iam à Corte durante o carnaval e menciona a existência de uma afilhada, Vitorina, “uma linda mocetona”, além de aludir a um outro sobrinho chamado Panúrgio. Surpreendente, porém, é a menção a filhos e a uma neta, que ocorre em várias crônicas. Em 13 de março de 1883, faz alusão a um vizinho, padrinho de um de seus “pequenos”. Em 14 de setembro de 1883, sugere uma nova forma de contar os votos de uma eleição: colocar as cédulas em um chapéu e chamar uma menina, a sua neta, por exemplo, para sortear o candidato escolhido. Em 21 de novembro de 1884, trata de eleições e declara: “Disponho de um voto. Quero que o candidato venha à minha casa, que me pergunte pela saúde e pela família, traga doces aos meninos e depois me peça o voto” (ASSIS, [198-], p. 85). Em 8 de setembro de 1885, comenta o gosto pelas artes e conclui:

Outra prova de que não desadoro as artes é o dinheiro surdo que o teatro lírico me tem comido; tão surdo, que, por mais que o chamasse depois, nunca me ouviu, nem voltou cá. E as minhas pequenas ainda gostam mais do que eu, porque eu e alguns amigos, um dia irritados com o Ferrari, pateamos o Don João de Mozart, e elas em casa disseram-me que andei mal, e fique com a cara à banda (ASSIS, [198-], p. 134).

Observa-se que, diferentemente dos narradores de seus romances, como Brás Cubas e o conselheiro Aires, Lúlio tem uma família numerosa, composta de avô, pai, irmão, sobrinhos, afilhada, filhos e uma neta. Tinha também um cachorro, Endimião, que, ao contrário do pastor adormecido da mitologia grega, estava sempre vigilante e era o “melhor guarda” de sua casa. Além disso, o cronista da *Gazeta de Notícias* é divertido, adora fumar charutos, cheirar rapé e dançar polcas, chegando a emocionar-se com as canções populares. Em 10 de outubro de 1884, por exemplo, afirma ter acordado triste e saído para comprar “uma valsa sentimental intitulada *A minha vida é bem triste; oh! Virgem mãe celeste!*”. Dançou-a logo depois do almoço, mas como a música era melancólica, “no fim de dez minutos, chorávamos todos, chorava o piano, choravam as pernas, os suspensórios, as cadeiras, as portas, tudo chorava” (ASSIS, [198-], p. 73). Em 21 de fevereiro de 1885, define a polca como “a grande naturalizada deste país, é a rasoura que nivela os palácios e as cabanas, os ricos e os pobres” (ASSIS, [198-], p. 115).

Lúlio dos Anzóis Carapuça, contudo, também demonstra ser um erudito. Conhece latim, história e pintura. Frequenta exposições das Belas-Artes, vai ao tea-

tro e à ópera. Cita autores ingleses como Shakespeare; espanhóis como Cervantes; italianos como Dante; e alemães como Goethe. Uma das principais características dessa produção machadiana, porém, é a presença constante da cultura de Voltaire. Inserido em um meio tipicamente afrancesado, Machado não podia ficar indiferente às tendências importadas de Paris. Nas “Crônicas de Lélío”, nota-se ser a presença francesa uma constante: nos 125 textos publicados entre 1883 e 1886, há, pelo menos, 42 citações, sessenta alusões a personalidades culturais e históricas da França e várias expressões da língua de Molière. A obra de Machado de Assis irá, nesse ponto, refletir uma tendência do século XIX: o Brasil era um país de maciça presença francesa, seja por meio da literatura, das peças teatrais, das correntes filosóficas, seja, pura e simplesmente, pelo idioma utilizado nos nomes das casas de comércio ou falado pela alta sociedade carioca.

Há temas que surgem com frequência nas crônicas de Lélío: o espiritismo, as eleições, o teatro, as leis sancionadas pela Câmara Municipal. O “confeiteiro” das “Balas” também é sempre vítima de visitas sobrenaturais, como as de Filomena Borges, e o próprio Diabo, com que mantém um diálogo profundo a respeito da ineficácia dos medicamentos. Lélío conversa com animais, com o vento, com as flores, tem delírios, sonhos, fantasias. Dessa forma, o transe, o sono e a possessão estão presentes nas crônicas, como estiveram presentes nos romances machadianos *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Esau e Jacó*.

Finalmente, as discussões mais importantes da época eram a Abolição da escravatura e a proclamação da República. Lélío não poderia evitá-los, mas Machado de Assis não queria opinar a respeito. O narrador passa, então, a servir-se do jogo de palavras, despistando o leitor e confundindo-o. Em crônica de 12 de setembro de 1883, ele comenta:

Anteontem, no senado, trocaram-se algumas palavras, incidentemente, sobre qual das formas de governo é mais barata ou mais cara, se a monarquia, se a república.

Um assunto destes exige o voto de todos os cidadãos. Considero-me obrigado a vir dizer perante o meu país e meu século, que a mais barata de todas as formas de governo seria a que Proudon preconizava, a saber, a anarquia. Pode-se gastar mais ou menos com o galo ou o peru que está no quintal, não se gasta nada com o cisne, que não se possui. A anarquia não custaria dinheiro, não teria ministros, nem câmaras, nem funcionários públicos, nem soldados; não teria mesmo tabeliães, exatamente como no Paraíso, antes e logo depois do pecado (ASSIS, [198-], p. 30).

O cronista, como se vê, evita qualquer comprometimento em relação a discussões polêmicas, e insiste que, para o “povo-miúdo”, é indiferente o tipo de governo, pois, citando Molière, “*Le véritable Amphitryon / Est l’Amphitryon où l’on dine*”. Em crônica de 20 de junho de 1885, cria um diálogo entre Sol e Mercúrio, aludindo a uma série de cartas anônimas escritas ao imperador D. Pedro II, criticando-o por apoiar a emancipação dos escravos:

Dom Sol – Vejamos as tais cartas. São três... Tratam-me com muito azedume e ainda pior. Elemento quê? ... Servil. Não sei o que é. Elemento servil? Eu só conheço os antigos elementos, que eram quatro, e hoje andam às dúzias. Diz

aqui que eu, se mergulhar numa pipa de azeite não saio incólume; mas é que eu não mergulho. Para que diabo havia de mergulhar numa pipa de azeite? Confesso que não entendo. (Depois de algum tempo) Aqui parece que se me exorta a não esquecer um inolvidável dever, e não acho isso bom, porque o dever é coisa tão árdua, que, ainda sendo inolvidável, pode ser olvidável. Provavelmente a palavra está na moda; lá que é bonita, é. Inolvidável! Já me disseram que naquele país certas palavras são como o feitio do fraque, aparece um com um feitio novo, todos pegam do feitio, até abandalhá-lo; depois vem outro. Houve o feitio imaculado, depois veio o feitio incomparável, depois o feitio nítido, agora é o inolvidável. (Pausa). Começo a ficar aborrecido. Mercúrio! (ASSIS, 1959, p. 463).

Machado de Assis, ao contrário de Joaquim Nabuco, Rui Barbosa e tantos outros, nunca cobrará uma decisão do imperador de forma direta e explícita, nem mesmo manifestará sua opinião, mas deixará uma mensagem que cabe ao leitor decifrar. O cronista manifesta-se a favor de um ponto final na discussão do elemento servil, mas não se manifesta *a favor da Abolição*. Era preciso que D. Pedro II tomasse uma decisão a respeito da escravatura. Lélío demonstra estar pensando em todos os problemas criados pelo comportamento do monarca brasileiro, mas não expõe suas ideias, parece apenas estar sugerindo a resolução do conflito por meio de uma atitude decisiva. Lúcia Miguel Pereira (1955) busca uma explicação para o não comprometimento do escritor fluminense: o jornalista “destemido e agressivo” do *Diário do Rio de Janeiro* cala-se diante de assuntos polêmicos na *Gazeta de Notícias*. A pesquisadora atribui o recato à posição social que ocupava Machado então:

É preciso não esquecer de que, em 1884, ele era chefe de seção da Secretaria da Agricultura. A disciplina do funcionário, não lhe permitindo opinar sobre assuntos em que estivesse interessado o governo, explicará essa transformação (PEREIRA, 1955, p. 82).

Na verdade, Lélío não explicita sua opinião, mas Alfredo Bosi (1999, p. 126), em seu “A máscara e a fenda”, lembra que o humor revela o olhar machadiano. As teorias absurdas, os conselhos inadmissíveis, as opiniões contraditórias são elaborados de forma a deixar entrever a fina ironia que caracterizou sua obra, ironia essa indicadora da percepção aguda de seu tempo e do Brasil oitocentista.

A criação de um narrador também matreiro, o uso de citações reveladoras de erudição, o tratamento dispensado ao leitor, a análise de comportamentos e ideias, a reflexão a respeito da existência aproximam as “Crônicas de Lélío” dos romances machadianos. Embora escritas “ao correr da pena”, com a finalidade de comentar assuntos políticos e econômicos, elas passam a ter valor literário, pois o autor “capta a dinâmica do funcionamento da sociedade brasileira” (CRUZ JUNIOR, 2002, p. 29). Desse modo, textos escritos no decênio de 1880 continuam a ser atuais; pois, mais importante que a descrição dos fatos, é a análise dos caracteres feita pelo cronista.

As “Crônicas de Lélío” podem, assim, servir ao pesquisador que deseja conhecer um pouco mais a história do Brasil, sobretudo a história que não está nos livros; da mesma forma, deleitam e divertem os leitores curiosos em conhecer as anedotas de tempos idos; finalmente, instigam os críticos de literatura a considerá-las mais um campo fértil de estudo, mais uma demonstração da força criativa e do talento de Machado de Assis.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, J. M., M., de. *Crítica teatral*. Rio de Janeiro: Jackson, 1938.
- _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1959. v. III.
- _____. *Crônicas*. Rio de Janeiro: Jackson, 1962.
- _____. *Crônicas de Lélío*. Organização R. Magalhães Jr. Rio de Janeiro: Ediouro, Coleção Prestígio, [198-].
- _____. *Bons dias!* Organização John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BOSI, A. Machado de Assis. o enigma do olhar. São Paulo: Ática, 1999.
- CANDIDO, A.; MAYER M. M.; LOPEZ, T. A. *Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.
- CRUZ JUNIOR, D. F. *Estratégias e máscaras de um fingidor: a crônica de Machado de Assis*. São Paulo: Nankin, 2002.
- GALANTE DE SOUSA, J. *Machado de Assis e outros estudos*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1979.
- LAFFONT-BOMPIANI. *Dictionnaire des personnages de tous les temps et de tous les pays*. Paris: Robert Laffont, 1960.
- MASSA, J.-M. *A juventude de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Conselho Nacional de Cultura, 1971.
- PEREIRA, L. M. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.
- SCHWARCZ, L. M. *As barbas do imperador. D. Pedro II, um monarca dos trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

CALLIPO, D. M. The "Balas de Estalo", by Machado de Assis. *Todas as Letras* (São Paulo), volume 10, n. 2, p. 19-24, 2008.

Abstract: The aim of this article is to analyse the chronicles that Machado de Assis wrote between 1883 et 1886 to the session "Balas de Estalo" of the Brazilian newspaper Gazeta de Notícias. Machado wrote 125 chronicles using the codname Lélío, where he examines elements like the Abolition of the slaves, the Republic, and also the dayle life of the city of Rio de Janeiro in 19th century. Those chronicles are a mixture of reality and fiction and they reveals another aspect of the inspired Machado de Assis.

Keywords: Chronicles of Machado de Assis; literature; history.